



**Interfaces céticas e composicionais em “Poemas novos”, de Rubens Rodrigues Torres Filho**

Marcos Rogério Heck Dorneles (UFMS)  
([marcos.dorneles@ufms.br](mailto:marcos.dorneles@ufms.br))

**Resumo:** Neste texto se busca pontuar determinados aspectos e procedimentos que possibilitam um diálogo entre horizontes da criação lírica e determinadas forças ativas da filosofia cética (NUNES; 2010; KRAUSE, 2004; BRITO, 2013), sobremaneira, nas composições dispostas no conjunto de “Poemas novos”, de Rubens Rodrigues Torres Filho (1997). Em associação com este propósito, salienta-se o estudo metacrítico (COMPAGNON, 2001; TODOROV, 2015) de textos provenientes da recepção os quais destacam o pendor cético e irônico da criação lírica do poeta. Dentre eles, os exames efetuados por Viviana Bosi (2004) sobre as maneiras pelas quais o procedimento irônico e a perspectiva cética interatuam junto à atitude do sujeito poético em horizonte de estreitamento histórico, ou, então, em inter-relação com a compreensão da realidade e do mundo associada ao processo criativo de composição, visto por Isabela Gaglianone (2013). Assim, salienta-se que poemas como “no princípio” e “elogio do oco” propiciam, simultaneamente, movimentos de contenção de aquiescência e de expansão composicional.

**Palavras-chave:** Ceticismo; Lírica; Metacrítica.

**Resumen:** El texto procura puntuar determinados aspectos y procedimientos que posibilitan un diálogo entre horizontes de la creación lírica y determinadas fuerzas activas de la filosofía escéptica (NUNES; 2010; KRAUSE, 2004; BRITO, 2013), sobremanera, en las composiciones dispuestas en el conjunto de “Poemas novos”, de Rubens Rodrigues Torres Filho (1997). Asociado a ese propósito, se enfatiza el estudio metacrítico de textos provenientes de la recepción (COMPAGNON, 2001; TODOROV, 2015), los cuales destacan la directriz escéptica y irónica de la creación lírica del poeta. Entre dichos estudios es necesario destacar los exámenes efectuados por Viviana Bosi (2004) sobre las maneras por las cuales el procedimiento irónico y la perspectiva escéptica interactúan junto a la actitud del sujeto poético em horizonte de estrechamiento histórico, o, entonces, en interrelación con la comprensión de la realidad y del mundo asociada al proceso creativo de composición, visto por Isabela Gaglianone (2013). Así, se resalta que poemas como “no principio” y “elogio do oco” propician, simultáneamente, movimientos de contención de aquiescencia y de expansión composicional.

**Palavras clave:** Escepticismo; Lírica; Crítica de la crítica.

### **Prelúdio**

Rubens Rodrigues Torres Filho publicou pela editora Massao Ohno seu primeiro livro de poemas, *Investigação do olhar*, em 1963, momento no qual ainda estava cursando a licenciatura de Filosofia na Universidade de São Paulo (FFLCH, 2021). Com efeito, tal



conjunção profissional sinalizou determinada atenção do poeta em direção a uma visão e a uma atuação interdisciplinar. Como se pode depreender da epígrafe inicial desse livro e da constituição dos poemas, a primeira obra de Torres Filho já destaca o empenho em delimitar a preocupação com a elaboração da linguagem como uma das resoluções centrais do fazer poético. Notadamente, destacam-se composições nas quais preponderam procedimentos que orbitam pelos âmbitos metalinguísticos, imagéticos e líricos, expressando esferas por meio das quais as criações literárias transitam em temáticas amorosas, existenciais e autorreflexivas. Conforme pontua a pesquisadora Viviana Bosi (2004), a criação literária inicial de Rubens Rodrigues Torres Filho se aproximaria de certas produções poéticas de alguns modernistas brasileiros de forte tendência imagética, do surrealismo francês e da criação lírica de Paul Éluard. Nesse quadro, a crítica salienta o corte significativo que fora dado nos procedimentos compositivos de Torres Filho: “O modo como se deu o amadurecimento de sua forma de escrita particular não foi paulatino e gradual, tendo passado de uma linguagem mais elevada e rarefeita nos anos 60 a outra, predominantemente irônica e elíptica, a partir de 80.” (BOSI, 2004, p. 93). Não obstante a afirmação da diferença de uma tônica compositiva destacada para essas fases que se dimensionam na obra de Torres Filho, ressaltamos que determinadas visões de mundo e certas formas de inter-relações vivenciais estão presentes no primeiro livro e serão um dos aspectos nucleares da sua lírica. Tal semelhança de condições pode ser vislumbrada em certos horizontes compositivos, tal como dispostos no poema “ligação”:

Peço a obscura religião dos pássaros  
ou o inexplicável talento para a tristeza  
destas praças.

E choraremos juntos na tarde culpada  
enquanto **o sol morrer em nossas pálpebras**  
e **a noite**, inimiga e doce,  
**vier comer nossa memória.**  
(TORRES FILHO, 1997, p. 158; grifos nossos)

Em “ligação” já se configura a constituição de uma poética que enfatiza nuances de transitoriedade, precariedade e relatividade para determinadas esferas da existência humana e



do seu conjunto de conhecimentos. À vista disso, a criação lírica de Rubens Rodrigues Torres Filho, em suas primeiras reflexões, já aponta para os âmbitos da dimensão artística trágica e da perspectiva teórica cética. Pois, suas composições antecipadamente buscavam permear as balizas do lançamento da potencialidade do instante e da desconfiança em relação à precisão e à longevidade de determinadas avaliações humanas.

### Aberturas composicionais

O núcleo de aspectos e de visão de mundo apontado anteriormente prossegue de uma maneira diferenciada, mas ainda muito incisiva nas obras posteriores do poeta, principalmente, nas criações literárias das suas últimas publicações, conforme discorre Viviana Bosi: “Em *Poemas Novos* (1994-97), mais recente e menor, fica nítido o elogio do instante, o exame do aqui e agora que ao menos não se engana com mistificações. Tentativas além são desqualificadas como risíveis, imprecisas.” (BOSI, 2004, p.99). Tal preponderância do cerne compositivo se destaca em três caminhos de constituição. Inicialmente, destacamos a abertura composicional voltada para a apreciação dos corredios momentos da existência em contraste com os planos teóricos ou abstratos de remontagem do instante, visualizada, por exemplo, na criação lírica “nítido céu”:

Nítido céu plural estacionado  
no ângulo das nuças que flexionam  
alguns **anjos pedestres** como somos  
ao empinar narizes sem soberba

(e sem cobiça, como disse Goethe)  
naquela direção: noite estrelada,  
**passeio para os olhos** mas abismo  
para a imaginação, essa coitada.

**Página declarada e liso texto**  
que as **aspas, reticências ou metáforas**  
**em vão povoam**, tentando supri-los  
de infinitos portáteis. Tabuleiro

de perigosos lances, inocente.  
(TORRES FILHO, 1997, p. 19; grifos nossos)



Situado nos domínios das composições metapoéticas e existenciais, os versos de “nítido céu” estabelecem uma conjugação de forças, potencialidades, situações e atitudes que dispõe um âmbito pelo qual o sujeito poético projeta determinada matéria de decisão. Como dito anteriormente, há o embate entre a evidente força da vivência do momento e a árdua convivência com a frieza e a abstração do ponto inicial da construção artística (vista na dificuldade da condução da expressão literária posterior ao momento vivido). Tal contraste, embora seja efetivo, dá lugar a um âmbito interativo pelo qual as fronteiras se misturam e a dualidade se desdobra em ressonância mútua. Assim, o alvitre que opta pela primazia do instante, por outro lado, praz-se também na reunião de elementos criativos. Para ilustrar, podemos elencar as forças intertextuais que jogam com outras modalidades de impulsos e vitalidades, como se vê na menção a Goethe, na remissão de Mallarmé (dispostas artisticamente na unicidade e na dramaticidade do instante – “Tabuleiro / de perigosos lances [...]”) e na discreta adnominação ao filósofo Nietzsche junto ao título do poema (estendendo o circuito lírico para uma expansão junto à filosofia vitalista).

A segunda abertura composicional que salientamos nas criações de “Poemas novos” (1997) se insere no âmbito da proximidade criacional à proposta de suspensão do juízo – de extração cética – pela qual se propõe a continuidade da busca e da pesquisa, num desenho continuamente temporário de perspectiva dubitativa (desconfiante) do ato avaliador. Esse campo perspectivo pode se associar tanto ao percurso cético (KRAUSE, 2004) – que tem na busca (*zétesis*) e na tranquilidade intelectual (*ataraxia*) pontos fortes de disposição indagativa – como pode se integrar a determinados modos de argumentação céticos (BRITO, 2016), tal qual o destaque da variabilidade das circunstâncias na percepção do objeto (a título de esquematismo didático, descontamos, no caso, a cisão sujeito/objeto). Essa perfilhação ao ceticismo se dá de maneira desvinculada, oscilante e esporádica. Não se trata, portanto, do ingresso da instância poética a uma determinada escola filosófica. De maneira diversa, certas modulações de estratos de humor se desdobram na composição literária, tendo nessa percepção dubitativa um dos fatores geradores de criação lírica, assim expresso por Viviana Bosi:

Em Drummond de *Alguma Poesia*, em Oswald e em certo Murilo, o humor ou o chiste apontavam para o desconcerto entre norma e realidade ou entre



indivíduo e sociedade, mas ainda a água da modernização não era tão poluída quanto a partir de meados de 60, quando a nova ironia de Paes e Sebastião se afirmou. Daí para frente, o horizonte do futuro torna-se cada vez mais apertado e, especialmente com os marginais, desencantado. Cremos que Rubens cultiva o **lúdico cético** dessa nova onda dos ‘pós-utópicos’. Por outro lado, se haveria alguma semelhança entre sua poesia e a dos marginais – pelo viés do descompromisso aparente com as ‘instituições sociais e culturais’, nele isto não se deve a algum tipo de entusiasmo juvenil e sim, ao contrário, pelo **ceticismo** que nem no próprio – ceticismo – acredita. (BOSI, 2011, p. 206-207; grifos nossos)

Nesse panorama, a pesquisadora delinea a adoção do humor em suas diferentes proveniências e projeções em dadas correntes da literatura brasileira no século XX, destacando um processo contínuo da veia humorística de desprendimento aos liames do contexto circundante. Quanto às particularidades da injunção humorística junto à lírica de Rubens Rodrigues Torres Filho, a ensaísta salienta uma certa similaridade atuacional com José Paulo Paes e Sebastião Uchôa Leite, porém, de diversa ordem, como um rescaldo, talvez, de diferentes influxos artísticos e filosóficos. Em Torres Filho essa visão distinta da utilização do humor pode ocorrer por intermédio de um jogo de variados aspectos e procedimentos, intermediados pelo distanciamento cético, o qual oferta gradações de avaliações de certas verdades dispostas junto à sociedade e à produção de conhecimento. Passemos para o poema “no princípio”:

**Filosofia** então teve início  
na tentativa de liquidação  
do universo (arranjo,  
adereço, cosmético): promessa  
de fluidez sem caroço  
**e coisa e Tales.**

**Meditações** mediterrâneas. Hidráulica  
arcaica. Absoluto  
dissoluto.

**A primeira**  
**imprecisão é a que fica?**  
(TORRES FILHO, 1997, p. 20; grifos nossos)



De uma parte, na composição “no princípio” retoma-se a caminhada das trilhas dispostas nos processos iniciais de afirmação da filosofia grega como um conjunto sistematizado de conhecimentos. De outra parte, o poema levanta a sedimentação de locuções cristalizadas e de provérbios consagrados em determinados grupos sociais e em certas circunstâncias de uso coloquial. No entremeio dessas duas indicações vêm temperadas relações criativas internas que propiciam efeitos de polissemia, estranhamento, semelhança e repetição sonora, continuidade sintática compulsória, paradoxo e alterações sintagmáticas. As construções dos versos proporcionam, simultaneamente, um questionamento/redirecionamento dos ditados populares e locuções e uma indagação acerca de alguns anseios filosóficos, os quais estão em busca de elucidações peremptórias. Mais especificamente, as pretensões das primeiras movimentações da filosofia realizada pelos filósofos ditos pré-socráticos – no caso, Tales de Mileto, um dos propugnadores da centralidade de determinados princípios norteadores do funcionamento do universo, como a água, por exemplo. O percurso desse denominado “lúdico cético” recobra retrospectivamente a esfera da necessidade da busca contínua por mais conhecimentos, independentes de avaliações assertóricas ou categóricas. Porventura, uma trajetória que seja próxima à da figurada por Tzvetan Todorov (1991), pela qual se desempenha a possibilidade de se estar ciente de que não se captura a verdade e, no entanto, continua-se a buscá-la. A crítica Isabela Gaglianone discorre sobre a diretriz desconfiante da lírica de Rubens Rodrigues Torres Filho:

É o problema do desencantamento com o futuro, típico da zombaria dos poetas marginais e que figura um **ceticismo exacerbado**. Mas um ceticismo que cultiva gracejo ou ludíbrio, de que resulta uma ironia cortante. Na obra poética de Rubens, o anonimato da poesia nas mãos do filósofo **encontra na ironia** penetrante e mordaz **a evasão** para a desilusão do mundo e **da própria ideia histórica e sistemática de verdade**. (GAGLIANONE, 2013; grifos nossos)

Visto o modo como lança à praia o processamento compositivo, as águas dos poemas de Torres Filho se alternam entre a força que impele novos movimentos desconfiantes e as arapucas da atonia do abstencionismo. Jogo atribulado, o qual pode oscilar entre a euforia de um achado, a robustez de uma atitude, a inconveniência da exposição de um argumento





desagradável e o aniquilamento discursivo. Por ora, voltemos para a dimensão em que o ceticismo toca os âmbitos da crítica da crítica, pontuados por Antoine Compagnon:

Perguntar-me-ão: qual é a sua teoria? nenhuma doutrina, senão a **dúvida hiperbólica** diante de todo discurso sobre a literatura. À teoria da literatura, vejo-a como uma **atitude analítica e de aporias**, uma **aprendizagem cética** (crítica), um ponto de vista **metacrítico** visando interrogar, questionar os pressupostos de todas as práticas críticas (em sentido amplo), um ‘Que sei eu’ perpétuo. (COMPAGNON, 2012, p. 23; grifos nossos)

Para deslizar nessa pista de gelo, Compagnon entrevê a feição aporética da metacrítica, que necessita transitar e costurar através de antinomias dos contextos, dos conhecimentos e dos saberes, concomitantemente, válidas e saturadas. Porém, talvez, o que situe a avaliação de uma situação fugaz seja diretamente a oscilação do olhar e a consideração das conjugações dos incitamentos possíveis – o pensamento enquanto provocação, a qual admoesta e acolhe simultaneamente. Assim sendo, calhemos ao poema “elogio do oco”:

**O oco desfaz as dúvidas  
quanto ao vazio do que é  
ninguém fica sem recado.  
Todos sabemos direito**

**o que importa a seu respeito.**

O oco é fácil e honesto.  
Não digo o mesmo do resto.  
(TORRES FILHO, 1997, p. 22; grifos nossos)

A composição “elogio do oco” possibilita a apresentação de um determinado tipo de incitação poética. Tal instigação expõe uma situação na qual o núcleo do exemplo argumentativo provem de um certame do qual muito menos se espera. Além de contrariar determinados expedientes céticos peculiares como a feição artística da diretriz desconfiante (“O oco desfaz as dúvidas [...]”) e certa irresignabilidade atuacional, a composição vai para lá da transcendência vazia (a qual apontaria para uma destituição de conteúdos metafísicos e sublimes, muito cara à poética da modernidade posterior à segunda metade do século XIX –



em especial, francesa) e pode atingir, por exemplo, os meandros e bastidores de simulações e dissimulações douradas.

A terceira abertura composicional da criação literária de Rubens Rodrigues Torres Filho que ressaltamos em “Poemas novos” (1997) é aquela pela qual o sujeito poético visualiza o concerto disposto na anestesia e na mediania da sociedade contemporânea, simultaneamente estandardizada e minguada, como encontramos em “nunca sempre” ou em “após o sinal do bip”. Vejamos primeiramente este:

Primeiro era melhor (valia mais)  
querer o nada que não querer nada.  
Sem merecer uma sequer vírgula digna  
**agora** a vida acaba, **a vida cabe**  
em muito, **o máximo, de pequenez,**  
a vida apequenada.  
Chegou um tempo em que não se quer nada  
e o menor querer levará o prêmio,  
**o prêmio estímulo do melhor mínimo** –  
e esse é o máximo. Com isso  
estamos, e o estar com isso  
é tudo – **combinação paupérrima e binária.**  
Atendo ao telefone disso tudo.  
Só posso responder com o ocupado.  
**(TORRES FILHO, 1997, p. 22; grifos nossos)**

Em “após o sinal do bip” a abertura composicional retoma a articulação entre a evocação de um quadro filosófico – sartriano, existencialista, niilista etc., por meio do fragmento “Primeiro era melhor (valia mais) / querer o nada [...]” – e a expressão do universo coloquial de encaixe da vida cotidiana. No entanto, essa disposição artística agora transita por outros labirintos, tais quais os que se dispõem nas relações de lugar e nos de intervalo de tempo em que se inserem as sociabilidades constituídas nessa redundante consonância contemporânea. Nesse diapasão, a criação lírica oscila entre tons de angústia, melancolia, denúncia e dissonância. Tal horizonte se vislumbra em “nunca sempre”:

Procurei inutilmente por um único objeto  
que fosse a um só tempo **expressivo e quieto,**  
**inútil e completo**  
como costuma ser somente aquilo que é correto  
e quando vem ao caso, mas **nunca sempre,** quieta





as irrequietas intenções e irresponsáveis gestos  
**falsamente coerentes** e apreciados nas festas  
onde o **deus Pã**, de tão **sóbrio**, **jamais se manifesta**.  
(TORRES FILHO, 1997, p. 24; grifos nossos)

Nesses versos da última criação de “Poemas novos” a abertura composicional (que impulsiona a crítica à combinação contemporânea assentada nos parâmetros de anestesia e mediania) atua distintamente da constituição do poema anterior. Em “nunca sempre” a angústia e a dissonância espraiam-se em colorações pelas quais a ironia se dispõe em unidades figuradas por oxímoros, contrastes, contradições e paradoxos. Tal quadro artístico proporciona a amplificação do questionamento antecedente, porém, denegando o fastio e, por outro lado, cingindo o escárnio.

### Considerações finais

Nas composições de “Poemas novos” vemos uma articulação entre a manutenção de certo núcleo artístico que permanece na criação lírica de Rubens Rodrigues Torres Filho (por um lado, com a construção de uma proposta literária que ressalta elementos de transitoriedade, precariedade e relatividade de vários âmbitos da existência humana; e, por outro lado, pela exploração imagética dos versos) e a agudização de determinadas sendas (contraste com os planos teóricos ou abstratos de remontagem do instante; âmbito da proximidade criacional à proposta de suspensão do juízo; e crítica à combinação contemporânea assentada nos parâmetros de anestesia e mediania) por meio das quais os expedientes irônicos e céticos interatuam junto à atitude do sujeito poético em perspectiva de estreitamento histórico. Assim as aberturas composicionais expõem certas potencialidades inerentes à inter-relação da compreensão da realidade e do mundo associada a um contato criativo de elaboração, proporcionando, dissonantemente, movimentos de contenção da aquiescência e de expansão composicional.

### Referências



BOSI, Viviana. Rubens Rodrigues Torres Filho: verso e avesso. **Terceira margem**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. n.11, Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 91-102.

\_\_\_\_\_. **Poesia em risco** (itinerários a partir dos anos 60). 2011. 327f. Tese (Livre-docência) – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

BRITO, Rodrigo Pinto. **Da coerência pragmática da *Dýnamis* cética em uma perspectiva dialética**. Orientador: Danilo Marcondes de Souza Filho. 2013. 213f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, PUC, Rio de Janeiro, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. 2. ed. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG. 2012.

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. **FFLCH**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://filosofia.fflch.usp.br/node/1963> Acesso em 21 jun. 2021.

GAGLIANONE, Isabela. Crítica literária: Rubens Rodrigues Torres Filho. parte I. (2013). In: **O Benedito**, São Paulo, 17 Maio 2013. Disponível em: <https://obenedito.com.br/rubens-rodrigues-torres-filho-parte-i/> Acesso em: 25 jun. 2020.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. **A ficção cética**. São Paulo: Annablume, 2004.

NUNES, Benedito. **Ensaios filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Crítica da crítica**: um romance de aprendizagem. São Paulo: Unesp, 2015.

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. **Novolume**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Investigação do olhar**. São Paulo: Massao Ohno, 1963.